



## **VIOLÊNCIA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO NA VOZ DOS PROFESSORES**

Joelci Mora Silva (1); Célia Beatriz Piatti (2); Sônia da Cunha Urt (3);

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, celiabp@brturbo.com.br; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, joelci.mora@gmail.com - Bolsista Capes; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, surt@terra.com.br.*

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o tema violência na escola. Seu principal objetivo é discutir tal fenômeno a partir das concepções de sete professores(as) de duas escolas públicas, localizadas nas cidades de Campo Grande e de Goiânia, acerca de sua definição e dos caminhos para seu enfrentamento. Essa investigação integrou as atividades da pesquisa nacional “Violência e preconceito na escola”, realizada durante os anos de 2013 e 2015. Os dados que serão aqui discutidos foram coletados por intermédio de entrevistas semiestruturadas, realizadas nas escolas escolhidas para representar a região centro-oeste. As discussões e análises foram realizadas sob os postulados da Teoria Histórico-cultural da Psicologia e da contribuição de estudiosos da área de Educação que se dedicaram a interlocução com o tema violência. Como resultado, apontamos que para os professores o enfrentamento pode ocorrer: através da formação continuada e da valorização dos profissionais de educação; por meio de parcerias geradas entre profissionais de diversas áreas, com o envolvimento das famílias dos estudantes; por intermédio de programas, projetos, palestras de conscientização; com melhorias estruturais da escola (administrativas, físicas e pedagógicas). Concluímos que a violência em diferentes proposições adentra o espaço escolar, transformando a sua dinâmica e os(as) professores(as) não se sentem preparados(as) para o seu enfrentamento, mas sugerem alternativas que podem ser alvo de reflexão para pensar a escola e seus sujeitos inseridos na complexidade que o fenômeno representa, de forma a descontinuar tais situações.

**Palavras-chave:** Violência na escola, Enfrentamento, Teoria Histórico-Cultural.

### **INTRODUÇÃO**

Ao tratar sobre violência entendemos que se constitui em uma temática complexa, pois envolve inúmeras formas e ações praticadas em diferentes contextos. No dia a dia, a mídia nos revela o aumento da violência doméstica, os assaltos, os crimes envolvendo políticos, os crimes hediondos, o terrorismo e tantas outras formas de violência que representam os modelos sociais existentes, e são esses modelos que servem de base para formação das crianças e jovens e que se revelam também no interior da escola de formas diversas.

A escola sofre as consequências de uma sociedade violenta, posto que é uma das possibilidades de grupo social e assim reproduz em seu espaço e em suas relações as características da sociedade na qual está inserida, e portanto está permeada por ações desse fenômeno, observáveis em diversas situações, envolvendo todos os partícipes do processo educacional.

Considerada como uma instituição de hierarquias entre professores(as), alunos(as), coordenadores(as), diretores(as), a escola em seu interior está impregnada de relações de poder e conflitos entre os pares nas ações diárias, que podem redundar em variados tipos de violência.



Diante do exposto, esse trabalho tem como principal objetivo discutir o fenômeno da violência a partir das concepções dos(as) professores(as) acerca de seu entendimento e das possibilidades de seu enfrentamento. A necessidade de tal discussão se sustenta pela influência negativa que tais práticas exercem na educação escolar de forma geral, e no processo de ensino e aprendizagem especificamente.

## **METODOLOGIA**

Com o objetivo de fundamentar a elaboração de um Programa Nacional de enfrentamento da violência e dos preconceitos na escola, foi desenvolvida entre os anos de 2013 e 2015 a pesquisa “Violência e preconceito na escola”, que contou com o financiamento do Ministério da Educação e com a parceria entre instituições nacionais de Psicologia<sup>1</sup> e dez Universidades Federais distribuídas pelas cinco regiões do país<sup>2</sup>.

Essa pesquisa foi desenvolvida em duas fases. Na primeira foi efetuado um levantamento de documentos, projetos relatórios e políticas públicas desenvolvidas pelos governos federal, estadual e municipal, bem como das produções científicas sobre violência e preconceito na escola; Durante a segunda fase buscou-se ouvir a comunidade escolar (profissionais da educação, estudantes e pais) sobre suas experiências e concepções acerca da violência e do preconceito, assim como sobre suas proposições de enfrentamento desses problemas.

O trabalho que ora apresentamos analisa e discute os dados coletados na fase de campo da pesquisa acima apresentada, através de entrevistas semiestruturadas realizadas com sete professores de duas escolas da região centro-oeste<sup>3</sup>, localizadas nas cidades de Campo Grande-MS e Goiânia-GO.

Na cidade de Campo Grande foram entrevistados um professor e quatro professoras de uma escola estadual localizada no Parque Residencial Iracy Coelho Netto, região sul, em área periférica e violenta da cidade. Em Goiânia foram ouvidos uma professora e um professor de uma escola

---

<sup>1</sup> Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira – FENPB; Associação Brasileira de Ensino de Psicologia – ABEP; Federação Nacional dos Sindicatos de Psicólogos – FENAPSI; Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional ABRAPEE e Conselho Federal de Psicologia – CFP

<sup>2</sup> Região Norte – UFPA e UFAM; Região Nordeste – UFPE e UFBA; Região Centro Oeste – UFMT (gestora) e UFMS; Região Sudeste – UFU e UFRJ e Região Sul – UFRGS - UFSC.

<sup>3</sup> Realizada pela equipe de pesquisa formada por docentes, discentes dos mestrados de Educação e de Psicologia e discentes da graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a coordenação da Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt.



estadual de tempo integral, no bairro Mansões Paraíso, região noroeste de Goiânia que também possuía alto índice de violência e estava em seu primeiro ano de funcionamento.

Analisamos as respostas dadas às questões "O que é violência para você?" e "O que pode ser feito na escola para enfrentar o preconceito e a violência?" e a partir dos dados obtidos realizamos a organização e as discussões que seguirão.

A importância de ouvir os(as) professores(as) está na possibilidade de compreender com quem vive e faz a realidade das escolas e, portanto, experienciam situações de violência, e assim podem revelar pistas importantes para a proposição de ações para o seu enfrentamento.

### **A VIOLÊNCIA E SEU ENFRENTAMENTO: REFLEXÃO DE URGÊNCIA PARA A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR - RESULTADOS E DISCUSSÃO**

São inúmeras as questões que permeiam o universo que constitui a escola, entre elas, a violência é uma constante, que se revela em diversas formas, com a presença de diferentes atores. Violência é um termo amplo que carrega em si distintas configurações e, portanto é considerado um fenômeno de grau complexo. É real e se materializa hoje, constantemente em diferentes contextos e como pretexto para justificar diversas causas. Está em todos os níveis de classes sociais, em todos os grupos sociais e na escola acontece com frequência atingindo diversas pessoas (famílias, alunos, professores, funcionários).

Ainda assim, podemos observar sua escamoteação sob alguns "mitos" que podem ser interpretados como uma desculpa para não admitir um problema que pode ser facilmente verificável, e tomando como verídica a negação, cessam as necessidades de discussão e de mudança. Nesse sentido Chauí alerta:

Um dos preconceitos mais arraigados em nossa sociedade é o de que “o povo brasileiro é pacífico e não violento por natureza”, preconceito cuja origem é antiquíssima, datando da época da descoberta da América, quando os descobridores julgavam haver encontrado o Paraíso Terrestre e descreveram as novas terras como primavera eterna e habitadas por homens e mulheres em estado de inocência. (CHAUÍ, 1996/1997, p. 120).

Considerando essa perspectiva de não reconhecimento dos processos de violência a autora segue afirmando que

[...] é dessa “Visão do Paraíso” que provém a imagem do Brasil como “país abençoado por Deus” e do povo brasileiro como cordial, generoso, pacífico, sem preconceitos de classe, raça e credo. Diante dessa imagem, como encarar a violência real existente no país? Exatamente não a encarando, mas absorvendo-a no preconceito da não violência. (CHAUÍ, 1996/1997, p. 120).



Uma vez admitida a concretude da existência da violência ainda resta a questão de que suas compreensão e definição não são tarefas simples. Destacamos a percepção de um professor diante de nosso questionamento acerca de sua definição: "Bem, violência é uma questão muito ampla, né? A primeira vista a gente pode classificar como um ato de agressão física, né? Mas não é só uma agressão física, a violência ela passa por várias categorias, vários aspectos." (PROF3\_CG)<sup>4</sup>.

Nesse sentido Assis e Marriel (2010) nos apontam que de fato não é fácil conceituar violência, pois é um fenômeno complexo e multicausal, ela atinge todas as pessoas, grupos, instituições e povos e, por todos é produzida. Nessa perspectiva, apresenta-se sob diferentes formas, cada qual com suas características e especificidades. Termos diferentes são utilizados para conceitua-la, cujos contornos são determinados por tradições socioculturais, bem como pela experiência de vida de cada sujeito.

Para Abramovay (2002), é preciso certo cuidado ao apresentar o conceito de violência, isso porque o fenômeno é dinâmico e mutável:

Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais (ABRAMOVAY, 2002, p. 53).

Consideramos que a violência está na escola, em diferentes momentos e de diferentes formas, por exemplo, nas situações corriqueiras do dia a dia, nos xingamentos que uns alunos lançam contra os outros, no roubo de um material, na depredação do patrimônio, nas agressões psicológicas implícitas nas falas dos professores contra os alunos exercendo a prática do poder, nas formas de avaliação gerando a exclusão, as formas de castigo, de encaminhamento à sala da coordenação, as palavras ameaçadoras, os gestos segregadores, situações que às vezes são banalizadas, mas que revelam violência nas relações estabelecidas, como também foi apontado no excerto:

[...] estudante fazendo brincadeira que o outro não consente, agressões físicas, agressões verbais, em alguns momentos de dificuldade do professor ouvir o estudante, em outros momentos o estudante não querer ouvir o professor [...].

---

<sup>4</sup> Utilizamos a sigla PROF para identificar os professores(as) seguido por um numeral e pelas siglas das cidades a que pertencem (CG para a cidade de Campo Grande e GO para a cidade de Goiânia).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Relações entre colegas, na correria nem sempre paramos pra ouvir e acho que isso também é um tipo de violência. (PROF7\_GO).

Quanto a essa variedade, Charlot (2002) apresenta três tipos diferentes de violência que estão presentes no ambiente escolar: a) violência à escola - quando a violência é contra a instituição (deprecação do patrimônio, pichações); violência da escola – quando os alunos são vítimas da violência institucional (agressões físicas e/ou verbal) e violência na escola – nessa forma os atos de violência ocorrem dentro da escola, sem estar obrigatoriamente vinculados às atividades realizadas pela instituição (xingamentos, *bullying*).

Desse modo, a escola, instituição social, é um espaço que não está isento de violência, ao contrário, está permeado por ela, inclusive na sua organização administrativa e pedagógica:

A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...). (CHARLOT, 2002, p. 434 e 435).

Para Cruz Neto e Moreira (1999) são vários os fatores institucionais que interferem na prevenção desse fenômeno até por omissão do Estado e repressão da violência, um deles, o sistema escolar, especialmente o público, no qual aponta que os professores são desmotivados e despreparados, ganham mal, o número de aulas não permite tempo suficiente para transmissão de conteúdos básicos e a organização escolar permite a infiltração de drogas.

Há inúmeras ações e ideias para intervenção e/ou solução dessa problemática, mas são vários fatores que interferem na vida de cada um que impulsiona a algum tipo de experiência na qual há aspectos da violência permeiam suas histórias e vivências.

Ao serem questionados(as) sobre a violência na escola os(as) professores(as) revelam inúmeras questões que representam a violência nas relações estabelecidas na escola, a partir de suas concepções sugerem alternativas para tentar conscientizar os pais, os alunos, os funcionários da escola e os colegas. Os(as) professores(as) ao serem ouvidos(as) assim se expressaram:

Informação, orientação, é palestras, é reuniões com alunos, com famílias, por que o preconceito às vezes, não vem só do aluno, do profissional, já é de raiz, né?! Já



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

vem de família, por que você sabe que tem familiares que não admite que o filho case com uma negra, tem outros que não admite que o filho case, né?! Com uma deficiente física, então, eu acho que a informação não teria que ser só na escola mais na sociedade por inteiro. (PROF2\_CG).

Eu acho que oferecer o máximo possível de conhecimento sobre diversidade. Tanto no sentido de outras culturas, costumes, atos de outras culturas como a nossa própria cultura, escolhas diferentes que cada pessoa faz e que a pessoa tem direito a fazer essa escolha e que ela vai contribuir no dia a dia com a escolha dela, da forma dela. (PRO7\_GO).

Quando apontam propostas para o enfrentamento das situações discutidas, os(as) professores(as) destacam a importância da valorização profissional, o reconhecimento da sociedade em relação à educação formal, e destacam a necessidade de ações de formação continuada que levassem em consideração a importância da relação entre professores e pais, como base de pensar o desenvolvimento das crianças e jovens. Vimos essa questão expressa nas palavras da professora: “É muito trabalho, né? Muita formação... muita formação [...]. Então eu acredito que é um trabalho de base, um trabalho de base que deveria abraçar a família, né?.” (PROF3\_CG).

Para os(as) professores(as), é preciso organizar formas educativas para o enfrentamento das problemáticas que envolvem o fenômeno da violência na escola. Organizar projetos que envolvam as famílias dos(as) alunos(as), discutam o tema em sala de aula, em eventos e palestras. Envolver a comunidade na perspectiva de colaborar em parceria para melhoria do entorno da escola:

Trazer atividades e projetos pra escola, projetos que atendam a comunidade, né?! Algo diferenciado daquilo que a escola já oferece, que é o conhecimento, né?! E trazer projetos que integre o aluno em outras atividades, que ele possa se sentir importante também. (PROF1\_CG).

Vão de encontro a esses desejos o pensamento de Nóvoa (2002), ao escrever que o desenvolvimento profissional do docente não consegue acontecer desarticulado às necessidades e aos projetos desenvolvidos nas escolas onde atuam, já que

[...] da mesma maneira que a formação não se pode dissociar da produção de saber, também não se pode alhear de uma intervenção no terreno profissional. As escolas não podem mudar sem o empenho dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham. O desenvolvimento profissional dos professores tem que estar articulado com as escolas e os seus projetos. (NÓVOA, 2002, p. 67).



Assim entendemos que a violência adentra a escola transformando a sua dinâmica e os professores não se veem preparados para conviver com essas transformações, pois cada vez mais se sentem acumular sob sua responsabilidade questões a serem resolvidas para as quais não foram adequadamente formados.

Nesse sentido Ristum assevera

A implementação de uma política de valorização da educação e do magistério é urgente e deve voltar-se para a formação dos professores, a partir das soluções para os problemas estruturais da educação, como é o caso de melhores condições de trabalho e salários dignos (RISTUM, 2010, p.67).

Ao se sentir desvalorizado, o(a) professor(a) perde autoestima, não encontra sentido no trabalho realizado, perde a motivação, e nesse caminho, os pais e os alunos percebem a dinâmica, há reflexos no ensino e, por conseguinte, na aprendizagem e no desempenho dos alunos. Essas questões dificultam o enfrentamento da violência e geram a falta de valorização da instituição na comunidade escolar. É preciso valorizar o professor, sua formação e a melhoria das condições de trabalho.

Para a professora 5 uma das questões que poderiam melhorar as situações de violência na escola seriam as estruturais, espaços melhorados, motivariam a organização das atividades e os (as) alunos(as) ocupariam os espaços e o seu tempo e, portanto, haveria possibilidades de orientação sobre a temática.

[...] Se abrisse mais sala, acredito que essa escola teria mais alunos, então assim... falta sala, ter uma sala de multimeios, uma biblioteca mais estruturada, por que a gente não tem biblioteca, só faz um trabalho de leitura da maneira que pode. Mas é que na escola, por exemplo, um aluno não pode ir à biblioteca e fazer uma pesquisa, é um quartinho ali praticamente então... eu acho que se tivesse mais espaço eu acho que melhoraria mais a estrutura. (PROF5\_CG).

Afirma também que “Mais profissionais resolveria mais [...]... o apoio da família acho que é muito importante”. Uma professora expõe: “um acompanhamento, um programa de acompanhamento desde a série inicial, com o pai, desde o primeiro ano, na parte psicológica, na parte da educação... e tem que ter penalidade, infelizmente é assim” (PROF3\_CG).

Para a professora 2 ainda é possível uma ideia de parceria com os pais para tentar uma aproximação e orientação às famílias como forma de minimizar as questões de violência na escola.



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

[...] esse ano agora nós teremos muitos sábados, por que não aproveitar esses sábados pra aproximar os alunos. Fazer um trabalho com os pais, aproximar os pais da escola... eles não estão se achegando. Quando chega aqui eles falam “eu não sei o que eu faço com esse menino, vê o que a senhora faz pra me ajudar” eu acho que tem que inserir os pais, tanto pra dentro da escola, tem associação de pais e mestres tem o colegiado... por que o pai, só manda o filho, tem reunião ele não vem. (PROF2\_CG).

Ao considerar a violência como um fenômeno complexo, não há receitas e manuais para combatê-la, mas há a necessidade de gerar ações coletivas de parcerias entre profissionais de diferentes áreas, de associação de pais, de colaboração da comunidade no comprometimento dos profissionais envolvidos.

Ao compreender a necessidade de parcerias entendemos que

Cada pessoa é um “agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo” significa afirmar que, ao mesmo tempo há um “eu” e não há. Não há um “eu” originário, descolado dos outros, da realidade, enfim, do que o constitui como humano e como possibilidade de diferenciação. Não há essência, não há a priori. Por sua vez, cada pessoa concreta descola aspectos da realidade a partir do que significa como relevante, do que a emociona e mobiliza, constituindo assim modos de ser que são ao mesmo tempo sociais e singulares. (ZANELLA, 2005 p.103).

Podemos, então, entender que, no processo de viver com o outro, formamos um agregado de formas de ser e estar na sociedade que são tecidas dia a dia na relação que estabelecemos e nas ações que nascem dessas relações que transcendem o singular e nos torna plurais. Portanto, ao conviver com alunos (as), com os pais na escola, os (as) professores (as) buscam relações que representem a possibilidade de uma boa convivência para junto, enfrentarem as situações de violência.

A importância desse encontro família e escola se configura na possibilidade de diferentes sujeitos, juntos, estabelecerem relações nas quais apresentam a oportunidade de refletir sobre a questão e buscar soluções para o seu enfrentamento.

De acordo com Ristum (2010) há uma expectativa em relação à sociedade que reconheça a importância do papel da educação formal pela questão salarial, pela questão da formação do professor e pela questão das condições de trabalho. A autora afirma que, essas questões são fortes indícios da violência no interior da escola a partir da própria dinâmica institucional.

À medida que observamos os depoimentos dos(as) professores(as) é possível inferir situações em que eles se articulam ao tecer suas respostas sobre as possibilidades de





enfrentamento, há sempre a valorização da profissão em articulação com o contexto e às relações que estabelecem, isto é, a escola é sempre referenciada como um espaço no qual se constroem relações significativas de convivência o que pode ser visto como oposição à violência.

Importa destacar que o entendimento, a informação, a orientação e a definição do fenômeno tanto para os professores como para os pais, são de inegável relevância, pois o convívio com formas de violência interferem no desenvolvimento das crianças e dos jovens exercendo forte influência na sua constituição. Para além, combater suas manifestações também põem em movimento as possibilidades de rompimento de um ciclo que se reforça a partir do convívio em um meio onde a violência não é coibida, podendo ser assim verificada a facilitação à reprodução de tais atos. Corroborando com essa visão, destacamos o entendimento do professor em relação ao comportamento violento:

Não é inato, a mesma coisa do preconceito, isso é o hábito. Porque todo mundo fala ah o ser humano é um animal, é um animal, mas ele é produto do meio. Tem estudos que falam que 20% é genético, 80 é o meio. Então não existe ninguém que nasce violento, existem pessoas que nascem com a potencialidade pra violência. (PROF6\_GO).

Consideramos a importância dessa ruptura sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural que entende o desenvolvimento de uma pessoa acontece de forma ativa e dependente das relações sociais travadas por ela, e de seu contato com as características culturais que o rodeiam, que interagem com os traços de sua constituição biológica. Logo a influência do meio é determinante na constituição dessa pessoa, que de forma dinâmica além de se modificar a partir do meio, também o modifica (VYGOTSKY, 2000, p.33). Portanto não é possível entender os fenômenos psíquicos se os desassociarmos das macro dimensões da sociedade, tais como cenários políticos e econômicos, trabalho, herança cultural, e de seus fenômenos sociais, a exemplo da violência e do preconceito.

Estas relações influem diretamente no desenvolvimento das funções psicológicas superiores<sup>5</sup> que são consideradas ponto central da cognição humana e são estabelecidas a partir da articulação do que é interior e do que é exterior ao indivíduo. Dessa forma Vygotsky explica que

[...] está claro, porque necessariamente tudo o que é interno nas funções superiores ter sido externo: isto é, ter sido para os outros, aquilo que agora é para si. Isto é o centro de todo o problema do interno e do externo. [...] Para nós, falar sobre processo externo significa falar social. Qualquer função psicológica superior foi

---

<sup>5</sup> - "[...] memória lógica, atenção voluntária, imaginação criadora, pensamento em conceitos, sensações superiores e vontade previsora" (VYGOTSKY, 2000, p. 18).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas. (VIGOTSKI, 2000, p. 24).

O desenvolvimento do homem é resultado desse movimento de relações adquiridas e não apenas na história acumulada pela humanidade, mas pela ação dele que, ao mesmo tempo em que internaliza o que vem do meio, também interfere no decurso da história. Portanto, sua ação está sempre em movimento, em construção.

Nesse sentido, a violência perpassa e interfere nas relações sociais e nessa construção, posto que é considerada um fenômeno, e está em todos os contextos e nas relações que são estabelecidas entre os sujeitos, fazendo parte da cultura por estar presente na essência humana. Portanto mister é seu combate, já que, “A vida só se transforma em reação quando se libera definitivamente das formas sociais que a deformam e mutilam. Os problemas da educação serão resolvidos quando se resolverem os problemas da vida”. (VIGOTSKI, 2003, p. 303-304).

O enfrentamento desse fenômeno não é algo fácil e com manual pronto. É preciso conhecer e reconhecer as ações que geram violência, logo é importante dar sentido e significado ao que acontece no interior da escola, com possibilidades de conscientização, de parceria nas relações estabelecidas para que sejam preservados os processos que configuram a organização da escola em seus aspectos administrativos e pedagógicos, nos quais estão envolvidos os sujeitos da ação educacional.

## **CONCLUSÕES**

Os resultados encontrados nos depoimentos dos(as) professores(as) oferecem pistas para reconhecer a escola como espaço que absorve as questões que estão latentes na sociedade e que permeiam as relações que se estabelecem nesse contexto entre pais, professores, alunos, diretores e funcionários.

Ao reconhecer que os(as) professores(as) não estão preparados para esse enfrentamento é possível compreender que sentem-se ameaçados, incapazes, o que interfere na possibilidade de desempenhar bem a sua função de ensinar, orientar e conduzir as crianças e jovens no contexto escolar.

Frente a essa condição, ao proporem sugestões para esse enfrentamento revelam que a escola depende de outras instâncias, que possam promover em parcerias, ações pedagógicas preventivas e de formação para integração e entendimento entre os pares.



Conclui-se afirmando que a escola, como importante espaço de socialização, precisa buscar formas de cooperação entre os pares para que juntos possam enfrentar o problema que se constitui em violência, mas para tanto, é preciso repensar diferentes fatores: reconhecer os fatores que geram a violência, compreender o que é violência e as suas diferentes configurações, repensar a formação docente, a organização institucional, as condições de trabalho dos professores, a desvalorização da profissão, a relação família e escola e os processos que desencadeiam a violência e as suas consequências no interior do espaço escolar.

A violência existe, é fenômeno complexo e social, portanto permeia a vida dos sujeitos e precisa ser alvo de intensos debates para reconhecê-la e tentar alternativas para combatê-la.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Miriam Abramovay (org.) Brasília, UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2002.

ASSIS, S. G. de, MARRIEL N. de S. M. Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola. In: ASSIS, S.G. de (org). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Editora FIOCRUZ, 2010.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, n.8, p. 432-443, 2002.

CHAUÍ, M. **Senso comum e transparência**. O preconceito. São Paulo: Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania/Imprensa Oficial, 1996/1997.

CRUZ NETO. O, MOREIRA M.R.A. Concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. **Rev Ciência e Saúde Coletiva**, 1999; 4(1):34.

NÓVOA, A. A Reforma Educativa Portuguesa: questões passadas e presentes sobre a formação de professores. In NÓVOA, A. e POPKEWITZ **Reformas Educativas e Formação de Professores**. Lisboa: Publicações Dom Quixote e Instituto de Inovação Educacional, 2002.

RISTUM, M. Violência na escola, da escola e contra a escola. In.: ASSIS, S.G. de (org). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Editora FIOCRUZ, 2010.

VIGOTSKI, L. S. Manuscritos de 1929. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 21, n. 71, p. 21-44, Jul. 2000 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302000000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Psicologia pedagógica**. Edição comentada. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

VYGOTSKY, L. S. História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas** - Tomo III. 2. ed. Madrid: Visor, 2000, p. 11-340.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZANELLA, A. V. **Sujeito e alteridade**: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*; 17 (2): 99-104; maio/ago.2005.